A IGMR como itinerário mistagógico da Eucaristia

“Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer.” Lc 22,15

- Mistagogia: introdução (iniciação) nos mistérios
- Mist + agogia: mistério + guiar / introduzir / conduzir

Cristãos não nascem, se fazem". Tertuliano

- 8. Se de alguma forma tivéssemos chegado a Jerusalém depois de Pentecostes e tivéssemos sentido o desejo não apenas de obter informações sobre Jesus de Nazaré, mas o desejo de ainda poder encontrá-lo, não teríamos outra possibilidade senão a de buscar sua discípulos para que pudéssemos ouvir suas palavras e ver seus gestos, mais vivos do que nunca. Não teríamos outra possibilidade de um verdadeiro encontro com ele a não ser **pela comunidade que celebra**. Por isso a Igreja sempre guardou como seu tesouro mais precioso o mandamento do Senhor: "Fazei isto em memória de mim".

- 9. Desde o início a Igreja estava ciente de que não se tratava de uma representação, por mais sagrada que seja, da Ceia do Senhor. Não teria sentido, e ninguém poderia pensar em "encenar" – especialmente diante dos olhos de Maria, a Mãe do Senhor – aquele momento mais alto da vida do Mestre. Desde o início, a Igreja captou, iluminada pelo Espírito Santo, **aquilo que era visível em Jesus, aquilo que se via com os olhos e se tocava com as mãos, suas palavras e seus gestos, a concretude do Verbo encarnado — tudo d'Ele passou para a celebração dos sacramentos**. S. Leao Magno

Por que os os ritos são importantes? Qual é o lugar deles em nossa fé cristã?

- A Liturgia é a **história da salvação** em ato por meio do sacrifício (eucaristia) e dos sacramentos. IGMR16
- A liturgia, portanto, é ação que dá continuidade e realiza as ações históricas do Cristo redentor. Ela realiza a obra de salvação porque Cristo está **presente** na Igreja, de modo especial **nas ações litúrgicas** e, ao mesmo tempo, Ele associa a si a Igreja na obra de santificação e glorificação. SC7 IGMR19
- A liturgia é, pois, configurada como o exercício do sacerdócio de Cristo mediante sinais sensíveis. Ela é ação que realiza a salvação no tempo e forma ritual por constituir-se de *signa sensibilia*. Esta linguagem ligada à sensibilidade não só significa, mas realiza a santificação dos fiéis. É, portanto, esta capacidade de realização da salvação que torna a ação litúrgica **fundamento da fé**. IGMR 20

Do modelo de assistência para o modelo de participação

- A participação ativa exige colocar no centro da liturgia uma "ação comum", na qual todo o povo participa, com diversos graus de **ministerialidade** (presidência, ministérios, fiéis...): todos celebram, somente um preside e alguns exercitam um ministério particular.
- **SC 48**. É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas **o compreendam bem por meio dos ritos e orações,** participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador (38), progridam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.

RECUPERAR A FORÇA SIMBÓLICA DA AÇÃO RITUAL NA EUCARISTIA

- 34. Nisto se coloca a questão decisiva da formação litúrgica. Romano Guardini diz: “Aqui também é indicada a primeira tarefa prática: levados por essa transformação interior de nosso tempo, devemos aprender de novo a nos relacionar religiosamente como seres plenamente humanos”. [8] É isso que a Liturgia torna possível. Para isso devemos ser formados. Guardini não hesita em declarar que sem formação litúrgica “então as reformas rituais e textuais não ajudarão muito”. [9] Acho que dois aspectos podem ser distinguidos: a formação para a liturgia e a formação pela liturgia. A primeira depende da segunda, que é essencial.

- 44. Guardini escreve: “Aqui se delineia a primeira tarefa do trabalho de formação litúrgica: **o homem deve tornar-se novamente capaz de símbolos”**. [13] Esta é uma responsabilidade de todos, tanto dos ministros ordenados como dos fiéis. A tarefa não é fácil porque o homem moderno se tornou analfabeto, não consegue mais ler símbolos; é quase como se nem sequer se suspeitasse de sua existência.
- Isso acontece também com o símbolo do nosso corpo. Nosso corpo é um símbolo porque é uma união íntima de alma e corpo; é a visibilidade da alma espiritual na ordem corpórea; e nisso consiste a singularidade humana, a especificidade da pessoa irredutível a qualquer outra forma de ser vivo. Nossa abertura ao transcendente, a Deus, é constitutiva de nós. Não reconhecer isso nos leva inevitavelmente não apenas a não conhecer a Deus, mas também a não conhecer a nós mesmos. Basta olhar para a forma paradoxal como o corpo é tratado, ora cuidado de forma quase obsessiva, inspirado no mito da eterna juventude, ora reduzindo o corpo a uma materialidade à qual é negado toda dignidade.
- O fato é que não se pode dar valor ao corpo partindo apenas do próprio corpo. Todo símbolo é ao mesmo tempo poderoso e frágil. Se não for respeitado, se não for tratado pelo que é, se despedaça, perde sua força, torna-se insignificante. [...] Trata-se antes de recuperar a capacidade de usar e compreender os símbolos da Liturgia. Não devemos perder a esperança porque esta dimensão em nós, como acabei de dizer, é constitutiva; e apesar dos males do materialismo e do espiritualismo - ambos negações da unidade da alma e do corpo - ela está sempre pronta para ressurgir, como toda verdade.

- 45. Então, a pergunta que quero fazer é como podemos nos tornar novamente capazes de símbolos? Como podemos de novo saber lê-los e poder vivê-los? Sabemos bem que a celebração dos sacramentos, pela graça de Deus, é eficaz em si mesma (ex opere operato), mas isso não garante o pleno engajamento das pessoas sem uma forma adequada de se colocarem em relação à linguagem da a celebração. Uma “leitura” simbólica não é um conhecimento mental, nem a aquisição de conceitos, mas sim uma experiência viva.

- 46. Acima de tudo, devemos readquirir a **confiança na criação**. Quero dizer que as coisas – os sacramentos “são feitos” de coisas – vêm de Deus. A Ele se orientam, e por Ele foram assumidos, e assumidos de modo particular na Encarnação, para que se tornem instrumentos de salvação, veículos do Espírito, canais de graça. Nisto fica claro quão vasta é a distância entre esta visão e uma visão materialista ou espiritualista. Se as coisas criadas são uma parte tão fundamental e essencial da ação sacramental que traz nossa salvação, então devemos nos organizar em sua presença com um olhar renovado, não superficial, respeitoso e agradecido. Desde o início, as coisas criadas contêm a semente da graça santificante dos sacramentos.

- Para Guardini, reconhecer que a forma ritual é uma forma viva significa, portanto, reconhecer o caráter sensível que caracteriza a ação litúrgica. O conhecimento, antes de ser um ato intelectual é um ato vital. “O nosso conhecer é o nosso viver”. Os sentidos podem captar bem mais que puramente dados materiais, captam também o espírito vivente, o espírito encarnado enquanto ele se exprime. Nesse sentido, os órgãos da sensibilidade humana são fundamentais, pois eles nos abrem ao fenômeno como “lugar do aparecer” da realidade mais profunda e não como lugar da aparência. O mundo fenomênico é a epifania do objeto real.
- A liturgia pois, não é composta de elementos abstratos, mas tudo nela é forma passível de ser contemplada, palavra perceptível e realidade tátil e **ação na qual se entra agindo**. **Visão** e **movimento** são as pedras angulares da forma ritual.
- A experiência religiosa não acontece num estado puro, mas realiza-se por meio do símbolo. Este é predisposto à ação quando entra no fenômeno religioso que é o rito.

- Tal experiência torna-se um desafio, como constata R. Guardini, dada a incapacidade simbólica do homem moderno, com a consequente oposição entre espiritual e material, identificando mística com a interioridade e a liturgia com a exterioridade. Sem dúvida, é preciso ir além desta visão dualista da realidade, superando o binômio sujeito/objeto – exterior/interior, além da concepção de "*adaequatio intellectus ad rem*", e reconhecer no fenômeno da experiência a possibilidade de revelação da original unidade entre sujeito e objeto. A ação, ou seja, a experiência, remetendo à intenção do agente (interioridade), constitui o lugar da original unidade entre interioridade e exterioridade.

- Guardini constata que na época moderna símbolo (e, portanto, encarnação) foi eliminado e **no lugar do "espiritual" aos poucos predominou o abstrato**, o conceito. Também a arte perdeu espaço e deixou de ser valorizada como elevação da vida, não havendo mais a "formação cultural" viva, a modelação da corporeidade por parte do espírito e a revelação do espírito no corpo. Cf. GUARDINI, *Formazione liturgica*, 61-63.

Assombro diante do Mistério Pascal: parte essencial do ato litúrgico

24. Se faltasse o **espanto pelo mistério pascal** que se faz presente na concretude dos sinais sacramentais, poderíamos realmente correr o risco de ser impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração. Os esforços, embora louváveis, para melhorar a qualidade da celebração não são suficientes, nem é um apelo à interioridade: mesmo esta última corre o risco de ser reduzida a uma subjetividade vazia se não acolher a revelação do mistério cristão. O encontro com Deus não é fruto de uma busca interior individual por Ele, mas é um **evento doado**: podemos encontrar Deus através do fato novo da encarnação que na Última Ceia vai ao extremo de desejar se tornar nosso alimento. Como pode acontecer-nos a infelicidade de nos distanciarmos do fascínio da beleza deste dom?

RITOS INICIAIS

O Sacerdote paramentado (*Sacerdos paratus*)... Ordo Missae de 1570/1962

Reunido o povo (*populo congregato*)... Ordo Missae 1970/2002 n. 1

Canto de Entrada: abrir a celebração, promover a união da assembleia; introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa; acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros. IG 47

Sinal da cruz/Saudação: convocação da assembleia é ato de graça, não parte de iniciativa humana, mas procede de Deus. IGMR 50

Monição de entrada: breves palavras que o presidente, o diácono ou um ministro leigo introduz os fieis na missa do dia. São palavras livres inseridas na ação litúrgica. Esta admoestação não é uma homilia.

- **Ato penitencial**: constituída a assembleia, o povo se volta para seu Senhor, reconhece seu pecado e se prepara para acolher o dom de Deus realizando seus mistérios. Pastores e fieis rezam o Confiteor ao mesmo tempo, reconhecendo-se pecadores uns diante dos outros. Não descuidar da breve pausa de silêncio antes do *Confiteor*. IGMR 51
- **Glória**: elemento festivo para os domingos (exceção do tempo do Advento e Quaresma), solenidades e festas e celebrações particulares feitas com solenidade. Não descuidar da fidelidade ao texto da Tradição. IGMR 53
- **Coleta**: expressa o caráter da celebração, recolhe as intenções, oração dirigida ao Pai, com conclusão trinitária. É antecedida por um silêncio no qual os fiéis formulam interiormente suas intenções. Exprime a índole da celebração. IGMR 54

LITURGIA DA PALAVRA

- Escutadas na liturgia, as leituras visam ajudar-nos a reconhecer aquele que se faz presente no “partir o pão”, a iluminar, cada vez que são proclamadas, um aspecto particular do mistério que se está celebrando.
- Na missa, os episódios da Bíblia, não são somente narrados, mas vividos; a memória torna-se realidade e presença. Não somos apenas escutadores da Palavra, mas interlocutores e atores nela.

- A Palavra na Liturgia produz efeitos para além de qualquer explicação humana, ao modo dos sacramentos que produzem aquilo que significam.
- “Vós que participais dos divinos mistérios, quando recebeis o corpo do Senhor o conservais com todo cuidado e grande veneração a fim de que nenhuma partícula caia por terra e nada se perca do pão consagrado. Sois convictos de que é uma culpa deixar cair os fragmentos per desatenção. Se para receber o seu corpo dois tão atentos, e é justo que assim se proceda, saibais que *menosprezar a Palavra de Deus não é culpa menor do que descuidar do seu corpo”.*

Orígenes

- Dois modos de preparar uma reflexão: **1**- escolher um tema com base nos conhecimentos próprios, preparar um texto, e rezar pedindo a Deus de infundir o Espírito nas palavras a serem proclamas. **2**- **Modo profético**: primeiro orar pedindo a Deus a revelação da palavra que Ele deseja fazer ressoar para o seu povo. Depois, ler comentários, consultar anotações pessoais, os padres da Igreja, os poetas. Desse modo, não é mais a Palavra de Deus que está a serviço da sua cultura, mas a sua cultura a serviço da Palavra de Deus.

- Unidade da Liturgia da Palavra – Deus fala e o povo responde rezando IGMR 55
- O silêncio: IGMR 56
- Não trocar as leituras bíblicas por textos não bíblicos IGMR 57
- Evangelho: ponto alto da Liturgia da Palavra
- Ministerialidade: IGMR 59
- Leituras sempre do ambão IGMR 58
- Salmo responsorial: de preferência será cantado, ao menos no que se refere ao refrão do povo.
- Homilia: compete ao sacerdote. Sugestão de silêncio. IGMR 66

- **Oração Universal**: exercendo sua função sacerdotal, o povo eleva preces a Deus para a salvação de todos. Normalmente são estas a série de intenções: pelas necessidades da Igreja, pelos poderes públicos e salvação de todo o mundo, pelos que sofrem qualquer dificuldade, pela comunidade local. Em situações particulares, podem se ater a circunstâncias específicas. IGMR 69-70
- O **polo de ação** da liturgia da Palavra é o ambão ou mesa da Palavra. Deve ser uma estrutura estável, dele são proferidos somente as leituras, o salmo e o precônio pascal; também se podem proferir a homilia e as intenções da oração universal ou oração dos fiéis. A dignidade do ambão exige que a ele suba somente o ministro da Palavra. IG 309.

Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em CC BY

- LITURGIA EUCARÍSTICA

O pão repartido e a cruz

O que celebramos na Eucaristia ?

- **O conteúdo do pão partido é a cruz de Jesus, seu sacrifício de obediência por amor ao Pai.** Se não tivéssemos a Última Ceia, isto é, se não tivéssemos a antecipação ritual de sua morte, jamais teríamos podido compreender como a realização de sua condenação à morte poderia ter sido de fato a ato de adoração perfeita, agradável ao Pai, o único ato verdadeiro de adoração, a única verdadeira liturgia. Apenas algumas horas depois da Ceia, os apóstolos poderiam ter visto na cruz de Jesus, se pudessem suportar o peso dela, o que significava para Jesus dizer “corpo oferecido”, “sangue derramado”. É disto que fazemos memória em cada Eucaristia. Quando o Ressuscitado volta dos mortos para partir o pão para os discípulos de Emaús e para seus discípulos que voltaram a pescar peixes e não pessoas no mar da Galiléia, aquele gesto de partir o pão abre os olhos. Cura-os da cegueira infligida pelo horror da cruz e torna-os capazes de “ver” o Ressuscitado, de crer na Ressurreição. DD7

“Este é o cálice da nova e eterna Aliança que será entregue por vós”. Lc 22,20

Jesus, na última Ceia supera a tristeza, e continua amando os seus até o fim (Jo 13,1). Ele toma a sua morte em antecipação, a faz presente no vinho oferecido, o qual torna-se seu sangue derramado, e a transforma em sacrifício de Aliança para o bem de todos.

Trata-se da transformação da morte em meio de comunhão e de Aliança.

Eucaristia: sacrifício de ação de graças

Jesus rende graças ao Pai numa situação de fome: 5 pães e dois peixes (Jo 6,11); numa situação de desilusão: quando sua pregação foi rejeitada pelos “sábios e inteligentes” (Mt 11, 25); numa situação de luto: diante do sepulcro do amigo Lázaro, Jesus disse: “Pai, vos rendo graças por ter me escutado” (Jo 11,41).

No caso de Lázaro e na última ceia, a ação de graças é antecipada, ou seja, vem antes da vitória sobre a morte. Podemos dizer que Jesus ressuscitou porque transformou a sua morte em sacrifício de aliança e de ação de graças.

- É o Cristo total, cabeça e corpo, que pronuncia as palavras da consagração. Então, eu também, no coração, as pronuncio com Ele. “**Naquilo que oferece, a Igreja oferta a si mesma**”. No plano existencial, mais perfeitamente alguém se oferece ao Pai com Cristo, mais realmente oferece ao Pai Cristo.
- A oferta do corpo de Cristo deve ser acompanhada da oferta do próprio corpo. Dois corpos estão sobre o altar: o corpo real e o corpo místico que é a Igreja. Nossa oferta e aquela da Igreja sem a de Jesus não seria nada. Mas também a de Jesus, sem a aquela da Igreja, não seria suficiente para a redenção passiva, ou seja, para receber a salvação, mesmo sendo suficiente para a redenção ativa, ou seja, para procurar a salvação.
- **Corpo** indica a vida da pessoa na sua totalidade. **Sangue** indica a morte, sendo morte tudo aquilo que prepara e antecipa a morte: humilhações, insucessos, limitações de saúde...

er,

e

A Última Ceia e a Eucaristia da Igreja

A Celebração Eucarística não é uma espécie de encenação da última Ceia. A Missa é a ritualização, de forma sacramental, daquilo que fez o Senhor, na noite em que ia ser entregue. “Na última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e a ceia pascal, que tornam continuamente presente na Igreja o sacrifício da cruz, quando o sacerdote, representante do Cristo Senhor, realiza aquilo mesmo que o Senhor fez e entregou aos discípulos para que o fizessem em sua memória. Cristo, na verdade, **tomou o pão e o cálice, deu graças, partiu o pão e deu-o a seus discípulos** dizendo: Tomai, comei, bebei; isto é o meu Corpo; este é o cálice do meu Sangue. Fazei isto em memória de mim. Por isso a Igreja dispôs toda a celebração da liturgia eucarística em partes que correspondem às palavras e gestos de Cristo. De fato:

- 1) Na preparação dos dons levam-se ao altar o pão e o vinho com água, isto é, aqueles elementos que Cristo **tomou em suas mãos**.
- 2) Na Oração eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra da salvação e as oferendas tornam-se Corpo e Sangue de Cristo (**deu graças**).
- 3) Pela fração do pão e pela Comunhão os fiéis, embora muitos, recebem o Corpo e o Sangue do Senhor de um só pão e de um só cálice, do mesmo modo como os Apóstolos, das mãos do próprio Cristo” **(partiu o pão e o deu aos seus discípulos)** (IGMR 72).

- As palavras e gestos de Jesus transformam a última ceia em **profecia da cruz**. As expressões “corpo entregue” e “sangue derramado” remetem claramente ao evento do calvário.
- Na Última Ceia os discípulos não estão diante apenas de uma notícia sobre os eventos que sucederão no calvário, tais eventos já estão em ato presentes na ceia, e portanto, os discípulos já o vivenciam.
- Jesus antecipa simbolicamente a sua morte e faz com que seus discípulos participem de seus frutos. Enquanto o calvário é uma experiência pessoal de Jesus, a ceia, por sua vez, é a ponte dos discípulos com o calvário, pois na ceia os discípulos vivem o calvário.
- A Eucaristia é a forma da cruz, por causa de sua correspondência ritual e ontológica com a última Ceia.

O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade (36), banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura. SC 47 Cf. IGMR72

Um aspecto da Oração Eucarística: da comunhão no Corpo e Sangue de Cristo à unidade do corpo eclesial

- Duas epicleses: uma sobre as ofertas e outra sobre a assembleia
- “O cálice de bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão.” 1 Cor 10, 16-17
- Participando do mesmo pão os cristãos tornam-se o que já são pelo batismo: um só corpo, pelo fato que participam do único pão repartido, ou seja, Cristo.
- Esta doutrina é presente na anáfora alexandrina e bizantina de São Basílio Magno (da qual se inspira nossa Oração Eucarística III) e nas catequeses dos Padres, como por exemplo, Agostinho.

Vós sois o corpo de Cristo e os seus membros. Se, pois, sois o corpo de Cristo e seus membros, é o vosso símbolo que encontra-se sobre o altar e que recebeis. Àquilo que sois, respondeis "Amém" e esta resposta revela a vossa adesão [...] Sejais membros do corpo de Cristo, para que o amém que pronunciais seja verdadeiro.

Agostinho Sermão 278

Não deixar eclipsar a dimensão sacrifical, a dimensão de convívio e a dinâmica escatológica da eucaristia, fechando-se em um “intimismo” exagerado com Jesus, o que seria um contrassenso à própria Eucaristia.

Preparação das oferendas

- **Orientações litúrgico-pastorais**

1. Valorizar a procissão com as oferendas do pão e do vinho. Na procissão podem ser trazidos o pão (âmbula com as hóstias), a galheta com o vinho e demais doações à Igreja e aos necessitados. IGMR 73
2. O canto da apresentação das oferendas acompanha a procissão. Ele é facultativo, podendo em algumas ocasiões o presidente rezar ou cantar as orações próprias e a assembleia participar rezando ou cantando: *"Bendito seja Deus para sempre!"*, ou outro refrão similar.
3. Não descuidar da centralidade do altar como lugar de ação da liturgia eucarística: visível, despojado e central. "Na ornamentação do altar observe-se moderação. No Advento se ornamente o altar com flores com moderação tal, que convenha à índole do tempo, sem, contudo, antecipar aquela plena alegria do Natal do Senhor. No tempo da Quaresma é proibido ornamentar com flores o altar. Excetuam-se, porém, o domingo *Laetare* (IV na Quaresma), solenidades e festas. IG 305 / Sobre a ornamentação: IGMR 303 - 308

Oração Eucarística

1. Estrutura da Oração: IGMR 78
2. A oração eucarística é uma oração presidencial. No Brasil, a assembleia toma parte nesta oração com as aclamações. Um solista aclama e a assembleia repete, ou na própria aclamação do solista a assembleia toma parte em conjunto.
3. A condução da oração eucarística pelo presidente da celebração está ligada à sua característica de memorial: é a evocação de algo que aconteceu, mas que agora se faz presente e real na celebração. É uma narrativa que dever ser ouvida com reverência e acolhida no coração.
4. Utilizar as diversas orações eucarísticas que foram propostas pelo Missal de Paulo VI. É uma riqueza que as equipes de liturgia devem conhecer e propor ao celebrante algumas sugestões por ocasiões específicas. Durante a oração eucarística não se recitam outras orações nem se executam cantos estranhos ao rito (por exemplo: refrãos de adoração). Vale o mesmo princípio que desaconselha a execução de fundos musicais, sobretudo no momento da narrativa da instituição e da "elevação" das espécies consagradas. Trata-se de não desviar o foco da narrativa.
5. Privilegiar o canto solene do *Amém* conclusivo da oração eucarística, como expressão de conformação com a oferta realizada.

Rito da Comunhão

Orientações litúrgico-pastorais

- A terceira edição do Missal Romano retoma a importância de que as hóstias consumidas na missa sejam aquelas consagradas na própria celebração, a fim de manifestar, mais claramente, a participação no sacrifício celebrado atualmente. Não é possível isolar o ato de comungar do conjunto da liturgia eucarística. É do pão e vinho trazidos na procissão das oferendas, sobre os quais se pronunciou a ação de graças e foram oferecidos em oblação ao Pai, que serão repartidos e oferecidos como alimento para o Povo de Deus. Por isso, é preciso fazer todo o esforço possível para garantir aos fiéis a possibilidade de comungar do Corpo do Senhor, oferecido na mesma celebração, deixando a reserva eucarística para a finalidade a que se destina, a comunhão aos enfermos e o culto eucarístico. IGMR 85

Comunhão sob as duas espécies IGMR 281 - 287

- Ela “realiza mais plenamente o seu aspecto de sinal. [...] Manifesta-se mais perfeitamente o sinal do banquete eucarístico e se exprime de modo mais claro a vontade divina de realizar a nova e eterna Aliança no Sangue do Senhor, assim como a relação entre o banquete eucarístico e o banquete escatológico no reino do Pai” (*Eucaristicum Mysterium* 32).

- Por isso as comunidades devem se esforçar para organizar a comunhão sob as duas espécies, retomando as orientações do Missal Romano e as da CNBB, sobre a ampliação do uso da Comunhão sob as duas espécies. Eis algumas, dentre tantas, as ocasiões aconselháveis: quando há missa de batismo de adulto, crisma ou admissão na comunhão da Igreja; na ordenação de diácono; na primeira profissão religiosa e na renovação da mesma, bem como na profissão perpétua quando feitas durante a missa; na missa de instituição de ministérios, de envio de missionários leigos e quando se dá na missa qualquer missão eclesiástica; nos exercícios espirituais e nas reuniões pastorais; nas missas de jubileu de sacerdócio, de casamento ou de profissão religiosa; na primeira missa de um neo-sacerdote; e por fim na ocasião de celebrações particularmente expressivas do sentido da comunidade cristã reunida em torno do altar.

- Um dos melhores critérios para a escolha do canto de comunhão é inspirar-se no evangelho ou mistério do dia, garantindo a unidade entre as duas mesas (Palavra e Eucaristia). Cantos de adoração ao Santíssimo, cantos temáticos ou de cunho individualista, não expressam a densidade desse momento. O canto encerra-se no momento da conclusão da distribuição da comunhão. IGMR 86

- Privilegie-se o silêncio, após a distribuição da comunhão, como momento de oração pessoal para glorificar e bendizer a Deus e expressão de intimidade pessoal e comunitária com o mistério.

- “Deve ser desaprovado o uso de distribuir, contrariamente às prescrições dos livros litúrgicos, à maneira de comunhão, durante a celebração da santa missa, ou antes dela, hóstias não consagradas ou qualquer outro material comestível. De fato, tal uso não se concilia com a tradição do rito romano e traz consigo o risco de gerar confusão entre os fiéis quanto à doutrina eucarística da Igreja. Se em alguns lugares vigora, por concessão, o costume particular de benzer o pão e distribui-lo após a Missa, seja feita com grande cuidado uma correta catequese sobre esse gesto. Por outro lado, não se introduzam costumes semelhantes, nem jamais se utilizem para tal escopo hóstias não consagradas” (RS 96).

- A comunhão na mão deve manifestar, tanto como a comunhão recebida na boca, o respeito pela presença real de Cristo na Eucaristia. Portanto deve-se vigiar para que pequenos fragmentos do pão eucarístico não se percam.
- O fiel que receber a comunhão na mão a leve-a à boca na presença do ministro, antes de regressar ao seu lugar.
- Orientações sobre a forma da comunhão: IGMR 160-164

- **Obrigado pela atenção!**

Pe. Geraldo Dias Buziani

Mariana MG